VIDA NOTURNA

NY também não é mais a mesma

Restrição a bares e clubes e o alto custo de vida fizeram noite da metrópole ficar mais sonolenta

NATHALIA MOLINA/AE–18/7/2005

AGITO AMEAÇADO – É cada vez mais difícil encontrar um lugar para dançar a noite toda em Nova York

Camila Viegas-Lee
ESPECIAL PARA O ESTADO
NOVA YORK

Depois de uma década em dormência, Nova York perdeu o título de melhor vida noturna do mundo e entrou em coma. Registrada em filmes como *Party Monster*, com Macaulay Culkin, a "cidade que nunca dorme", com memoráveis festas "after-after hours" – começando às 5 horas –, ficou para trás. "Nova York não é mais a mesma", diz Marivaldo dos Santos, percussionista brasileiro do grupo Stomp há dez anos. "Ela está roncando", diz Brie, drag queen do restaurante e bar Lucky Cheng's há 13 anos.

Quando a questão é levantada, a resposta vem em uníssono: Nova York está cara demais. "Não dá mais para alugar uma loja, ter seu ateliê na frente e morar nos fundos, como se fazia no East Village no início dos anos 90", explica Dan Safer, ex-dançarino e professor de performance, direção e coreografia da New York University. "Hoje um estúdio barato para ensaiar custa US$ 25 por hora. É difícil produzir aqui."

A vida noturna de Manhattan começou a adormecer nos anos 90, durante a gestão do prefeito Rudolph Giuliani. Cardeal do Partido Republicano, Giuliani ficou conhecido pelos programas de "tolerância zero", que reduziram significativamente o crime na cidade, varreram a prostituição da Time Square, limitaram as feiras públicas e "sanearam" a boemia do downtown.

Um dos instrumentos que Giuliani usou para fechar festas e clubes noturnos foi a arcaica licença de cabaré. Desde 1926 é ilegal dançar em bar ou restaurante que não for licenciado, mas a lei não vinha sendo colocada em prática havia décadas. E, de repente, a policia deu um arrastão na cidade, fechando todos os bares em que houvesse alguém se mexendo ao ritmo de uma música.

"Só aqui e no Afeganistão", diz Safer. "Mesmo que sua música preferida do David Bowie começasse a tocar no juke-box do bar onde você está tomando uma cerveja, você teria de ficar sentado. Se levantasse, o bar corria o risco de ser fechado pela prefeitura", diz Safer. Garçons passavam a noite pedindo para que seus clientes permanecessem sentados.

Giuliani usou lei de 1926, que proíbe dançar em bares, para fechá-los

Hoje, o Avalon, um clube noturno que entrou para a história depois de substituir o audacioso Limelight, corre o risco de virar um minishopping center. O Roxy, conhecido pelas festas gays com DJs famosos, como Junior Vasquez e Johnny Vicious, ficou fechado por várias semanas no segundo semestre do ano passado, reabriu em dezembro, mas não resistiu e fechou definitivamente este ano. "Nos últimos 15 anos, o número de licenças de cabaré na cidade caiu mais de 20%" , diz Robert Bookman, advogado da Associação da Vida Noturna de Nova York (New York Nightlife Association).

Para Nicolai Ouroussoff, crítico de arquitetura e urbanismo do jornal *The New York Times*, a política de Giuliani ajudou a transformar a natureza da cidade. "A segurança trouxe de volta a classe média, que estava morando no subúrbio desde as lutas de direitos civis dos anos 60 e 70. E com ela vieram valores suburbanos de segurança, homogeneidade, limpeza e conservadorismo", diz. "Hoje, as pessoas estão mais interessadas em estudar a história do que se engajar na vida contemporânea e seguir em frente."

O crítico dá como exemplo a luta do Whitney Museum para construir uma nova sede downtown. "É risível pensar que Nova York foi a cidade vertical original e ergueu edifícios como o Empire State e o Rockefeller Center." Nova York, segundo Ouroussoff, ainda é excelente para o consumo da arte de elite. "Se você for rico e quiser freqüentar festas de gala e galerias de arte, aqui é fantástico."

Ao mesmo tempo que ex-clubbers lembram das festas com nostalgia, reconhecem o lado bom de sua proibição. "Gosto de saber que minha namorada não vai ser estuprada quando voltar a pé para casa à noite", diz Safer. Para Trixie, drag queen barista do Lucky Cheng's, Nova York ainda vai acordar. "É como um pêndulo. Uma hora os tempos dourados desta cidade voltam." ●

Em Londres, lei beneficia pubs

Proibições da 1.ª Guerra só foram retiradas em 2005

Adriana Del Ré
ESPECIAL PARA O ESTADO
LONDRES

Em Londres, a nova lei que controla o funcionamento de pubs, clubes e outros estabelecimentos do gênero é, de maneira geral, mais flexível que a anterior. Batizada de Licensing Act 2003, entrou em vigor em 2005 e substituiu o antigo sistema, datado dos tempos da 1ª Guerra Mundial. De acordo com a corrente contrária ao velho regime, a rigidez no horário de fechamento fazia os clientes beberem o máximo que pudessem até o soar dos sinos dentro dos pubs, avisando que eram 23 horas. Naquele momento, todos eram obrigados a sair de pubs e clubs. De acordo com a polícia, na época os índices de criminalidade e desordem eram maiores.

O governo britânico acredita que, com a flexibilidade da nova lei, o índice de violência deve ser reduzido. E a British Beer & Pub Association (BBPA), associação que congrega esses estabelecimentos, apóia a tese: desde 2005, o consumo do álcool caiu em 5%. "Para nós, é uma legislação bem-sucedida. Os clientes têm mais benefícios, mais opções de horário", diz um dos representantes da BBPA, Neil Williams.

A partir da nova lei, as casas passaram a solicitar diferentes horários para abrir e fechar as portas. Apesar dessa liberdade, alguns pubs preferiram manter o antigo horário. Outros conseguiram esticar o expediente para 1 ou 2 horas, para a felicidade de quem quer beber sem ter de gastar tanto, já que os clubes cobram entradas, que podem passar de 30 libras (cerca de R$ 120).

Mas nem todos os pubs têm a mesma sorte. Há tempos, os donos de um pequeno bar no bairro residencial de Belsize Park, zona norte de Londres, tentam fazer o estabelecimento, que normalmente fecha às 23 horas, funcionar até a 1 hora. Eles alegam não conseguir licença das autoridades porque estão instalados em uma área residencial e os moradores, que têm voz ativa, temem o barulho que os últimos clientes possam fazer ao sair do pub. No fim das contas, se por um lado a nova lei se mostra mais flexível, por outro não beneficia a todos. Os que saem ganhando são os pubs localizados na região mais central da cidade e os clubes, que sempre conseguem permissão para funcionar até altas horas. ●